



Rimini, 6 de abril 2023

Saudação de Davide Prospero no início do Tríduo Pascal de GS

Olá, amigos! É curioso usar esta palavra – amigos – quando são tantos os anos de vida e tantas as experiências vividas que nos separam. Vocês poderiam ser meus filhos, e de fato entre vocês estão também duas filhas minhas. Mas podemos dizer assim, é justo dizer assim. E nestes dias vocês também vão descobrir por quê. Seus amigos mais velhos, que vão guiá-los no gesto do Tríduo Pascal, pediram-me que viesse aqui fazer uma saudação. Faço-o de muito bom grado. Aliás, pensei em viver junto com vocês este gesto. Não é algo habitual para mim, mas este é um ano especial: a pandemia de covid os impediu por muitos anos de se reunirem aqui, todos juntos, e então temos de retomar juntos, para não perdermos a memória.

Compreendo que cada um de vocês, neste momento, deve ter sentimentos e expectativas próprias, muito pessoais. Quero, porém, dar-lhes um conselho, que concerne a cada um de vocês, e permito-me dá-lo pela experiência que amadureci em todos estes anos: para alguma coisa ser mais velho deve servir! É importante vocês terem decidido vir aqui, é importante terem decidido estar aqui, independentemente do estado de espírito que tinham antes de vir e que têm agora que estão aqui. O conselho é este: estejam disponíveis, disponíveis a tudo, realmente a tudo o que lhes for proposto. Vocês não vão entender tudo imediatamente, mas deixem-se agarrar pelo que lhes for proposto: estão aqui, não têm nada a perder. Penso em quando, muitos anos atrás, eu estava aí no lugar de vocês – meio incerto que fosse o lugar onde queria estar – e um dia, se Deus quiser, algum de vocês estará no meu lugar. Lembrem-se destes dias.

Como eu disse, para a maioria de vocês, esta é a primeira vez participando de um gesto como este. Então entendo que estão cheios de curiosidade pelo que os espera. É bom assim: a curiosidade é a condição mais favorável para conseguir ver e ouvir aquilo que o coração espera.

Por esse motivo, dou-lhes duas coordenadas sobre a organização do gesto. O padre Fábio – que vocês veem aqui do meu lado – vai conduzir todo o gesto, pregando as palestras sobre as quais nos será pedido meditar. Pe. Fábio é um padre da diocese de Milão; sempre esteve envolvido na educação dos jovens, entre escola e paróquia; foi muito amigo de Pe. Giorgio Pontiggia, um padre muito ligado a Dom Giussani que conduziu GS por muitíssimos anos e foi diretor do Sagrado Coração em Milão. Pe. Fábio tem grande experiência do Movimento e é uma ajuda importante para nós. Vocês também terão um momento de assembleia e o gesto da Via Sacra. Junto com Pe. Fábio, este Tríduo será conduzido por Matteo Severgnini, conhecido por muitos de vocês como Seve (se o chamarem de Matteo, não sei se pega...), e Francesco Barberis. O Seve pertence aos *Memores Domini*, esteve dez anos em Uganda, onde junto com nossa amiga Rose guiou a nossa escola de Kampala nomeada em homenagem a Dom Luigi Giussani. Eu pedi a ele o sacrifício de voltar para a Itália a fim de nos ajudar na condução da experiência de GS e do CLE. Francesco, que muitos de vocês conhecem e não precisa de apresentação, lhes dará todas as indicações sobre o gesto, já desde esta noite ao término da introdução.

Agora, antes de dar a palavra ao Pe. Fábio, quero entregar-lhes o que tenho no coração no início deste caminho juntos. E começo com uma pergunta, que faço a vocês e também um pouco a mim mesmo.



Vocês sabem o que estão fazendo? Quem os convidou chegou a dizer? Vocês estão reunidos neste Tríduo que precede a Páscoa para meditar e reviver a paixão e ressurreição de Jesus. E pode ser que se tenham perguntado alguma vez o que esses fatos ocorridos há dois mil anos têm a ver com a sua vida hoje. É uma simples lembrança piedosa, ou há algo maior que isso? Quem é Jesus? E o que tem a ver com vocês e com a sua vida? O Pe. Fábio vai ajudá-los a responder a essa pergunta. Eu me permito instigar em vocês um pensamento que às vezes esquecemos, e quando o esquecemos, esta história fica parecendo muito longe e abstrata, quase uma fábula, sendo que, na verdade, tudo é muito verdadeiro quando se veem de perto as coisas em sua concretude. Este é o maior presente que Dom Giussani nos deu, junto com nossa amizade. E então lhes revelo um pequeno segredo, que na verdade não é nada muito secreto, porque – talvez sem o saberem – é o motivo por que vocês estão aqui hoje. Este segredo chama-se *fé*. A ligação entre os fatos ocorridos há dois mil anos e a vida de vocês de todos os dias chama-se *fé*. Vocês já devem ter ouvido várias vezes que a *fé* é um dom (alguns a chamam de graça), e é verdade.

Mas que dom é esse? O dom de quê?

Dom Giussani ensinou-nos que *a fé é um método de conhecimento*: um método particular, poderíamos dizer indireto, no sentido de que, para conhecer o objeto da *fé*, é necessária uma mediação, a mediação de uma testemunha. Por isso é que se fala entre nós da importância do *testemunho*, pois, se essas testemunhas não pudessem ser encontradas, a *fé* morreria com quem a recebeu. A *fé* é um dom: é um dom porque nenhum de nós fez nada para merecer receber o anúncio que nos trouxe este conhecimento novo que nem todos receberam: aconteceu e pronto. Alguns de vocês a receberam dos próprios pais, outros podem tê-la recebido através de um professor ou uma amiga. No fundo, este é o motivo contingente por que vocês vieram aqui. Mas, como normalmente acontece, quando a gente recebe um dom imerecido, também se torna responsável por ele: se fomos preferidos tão imerecidamente assim, é porque Aquele que nos preferiu por meio dessas testemunhas quer que colaboremos na Sua obra, que nós mesmos nos tornemos *testemunhas*, senão seria uma injustiça em relação a quem não teve este privilégio.

Mas de que anúncio estamos falando? De que se trata? E como chegou até nós?

É uma longa história, mas a parte da história que mais nos diz respeito neste momento começa quando dois pescadores que mantinham o barco nos entornos de Cafarnaum, no grande Lago de Tiberíades, na antiga Galileia romana, começaram a passar parte de seu tempo livre ouvindo as invectivas de um homem de grande carisma, vestido com farrapos. Aquele homem no deserto, nas margens do Rio Jordão, anunciava o advento de um mundo novo. Era chamado João Batista. Um dos dois, ele também chamado João – um dos filhos de Zebedeu –, tinha quinze anos, como se fosse um de vocês; enquanto o outro, mais velho, se chamava André, filho de Jonas, e era irmão do chefe da frota, Simão. Naquele dia, João e André estavam na Betânia, além do Rio Jordão, e, tendo percebido que o Batista havia indicado um homem pouco mais jovem que ele, ouviram-no dizer: «Eis o Cordeiro de Deus, aquele que tira o pecado do mundo. É este de quem eu disse: “Depois de mim vem um homem que está à minha frente, porque existia antes de mim!” Também eu não o conhecia, mas vim batizar com água para que ele fosse manifestado a Israel» (Jo 1,29-31). Estavam acostumados a ouvi-lo dizer coisas estranhas, mas aquela vez, com aquelas palavras absurdas, ele tinha ultrapassado qualquer estranheza! Seria possível que justo aquele homem novo, aparentemente em tudo igual a qualquer outro homem, fosse aquele que todos esperavam, aquele de que falavam as escrituras e que devia vir para salvar o povo de Israel da escravidão que desde sempre o oprimia? Decidiram que valia a pena tentar segui-lo e, tendo-o alcançado, perguntaram-lhe de onde era. A resposta que esse homem, um nazareno de nome Jesus, lhes deu estabeleceu *o método do anúncio cristão*, que atravessaria todos os tempos, o mesmo anúncio que chega até nós aqui hoje: «Vinde e vereis» (Jo 1,39). O que viram ao segui-lo até



a casa dele deve ter representado algo verdadeiramente excepcional, pois foi o início de um mundo novo, o anúncio daquele falo chegaria ao longo dos séculos até os extremos confins da Terra. E foi assim que André o disse ao irmão, Simão, que depois de o ter encontrado se pôs também a segui-Lo. E depois aquele Homem escolheu outros, e foram doze. Os doze estavam sempre com Ele, seguiam-No, escutavam-No, viam-No fazer coisas extraordinárias: milagres! Os cegos recuperavam a vista, os aleijados voltavam a andar, os demônios eram expulsos... até os mortos ressuscitavam! E convivendo com Ele, indo atrás d'Ele, percebiam que também ia nascendo entre eles uma amizade impossível: alguns deles já se conheciam antes (os pescadores de Simão Pedro, por exemplo); mesmo assim, desde que passaram a conviver com aquele homem, quando saíam de barco tratavam-se de um jeito diferente, como se tratavam quando estavam com Ele. Outros, ao contrário, odiavam-se: Mateus, por exemplo, o cobrador de impostos dos romanos, sempre fora visto pelos outros como a peste, antes de se reunirem todos ao redor de Jesus. Alguma coisa se transformara neles e nunca mais seria a mesma. Começavam a dar-se conta. Eram pobres, mas não trocariam o que tinham encontrado nem por todo o ouro de Herodes nem por todo o poder de César: porque se tinham descoberto mais verdadeiros, mais humanos, mais amigos, e isso os tornava mais ricos e poderosos do que Herodes e César. Agora se queriam bem: não sabiam sequer explicá-lo a si mesmos, mas queriam-se bem, dariam a vida uns pelos outros! *O acontecimento da Sua presença* começava a traduzir-se *no acontecimento de uma amizade* com Ele e entre eles, uma amizade para o destino, pois o Destino estava com eles, estava na companhia. E assim essa amizade começou a espalhar-se, por contágio, e foram cem, depois duzentos, depois mil... mas a certa altura chegou o momento de seguirem em frente já sem a Sua presença física entre eles. Seus inimigos prenderam-No e condenaram-No, e crucificaram-No no alto do lugar chamado Caveira. Aos olhos do mundo tudo teria parecido uma enganação, uma trapaça, uma grande mentira. Porém eles, os Seus, lembraram-se que Ele lhes dissera que permaneceria para sempre com eles. Naquela noite – que esta noite nós também vamos lembrar aqui durante a missa – perguntaram-lhe como seria possível, visto que depois do que tinham vivido decerto não poderiam contentar-se com palavras jogadas ao vento: se Ele não fosse permanecer com eles, então tudo estaria acabado. Então Ele teve aquela sacada genial, como constantemente tinha, e disse-lhes que ligaria Sua permanência definitiva, Sua permanência eterna, à *Comunhão* deles: «Eu vos digo mais isto: se dois de vós, na terra, concordarem em pedir alguma coisa, isto lhes será concedido por meu Pai que está nos céus; pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali eu estarei, no meio deles» (Mt 18,19-20). O sinal eficaz disto seria o pão partido à mesa deles, ali estaria presente Ele mesmo fisicamente: «Isto é o meu corpo, [...] fazei isto em memória de mim» (Lc 22,19).

Esses mil partiram e foram a todo o mundo, anunciando o que tinham visto e levando a toda parte esse modo diferente, mais humano, mais cheio de esperança e de vida, de fazer as coisas que todos faziam. E muitos ficaram conquistados. E assim chegaram a Roma, a capital do império que cobria todo o mundo conhecido. Roma, o centro do poder. Mas *o poder não ama a liberdade*, e então foram perseguidos, mais ainda do que quanto foram perseguidos pelos fariseus na sua terra de origem. Como quer que fosse, sempre se tratava de poder. Mas desta vez o poder era mais feroz: o cristianismo punha-se como sujeito de uma liberdade nova, indomável, irreduzível a qualquer poder deste mundo. E o poder decidiu que semelhante liberdade era perigosa demais: era preciso exterminá-los, eliminá-los para sempre da face da Terra. Os cristãos foram dados em alimento às feras do Coliseu e tiveram de se esconder por um determinado período nas catacumbas. Alguns eram capturados e sofreram o *martírio*: em vez de berrarem como os demais prisioneiros dos povos submetidos ou como os criminosos e malfeitores que eram encarcerados, os cristãos cantavam, alegres por estarem oferecendo sua vida como sacrifício por amor do seu Senhor, identificados com Seu próprio sacrifício



na cruz. E quem os via morrer assim ficava profundamente impressionado, e muitos se convertiam. Às vezes alguém não tinha coragem suficiente e cedia à apostasia da fé para salvar sua própria vida. Assim mesmo, renegavam a fé: mas o que podemos fazer, como culpá-los... tentem imaginar o que significa ser devorado pelos leões ou pregado numa cruz com as pernas quebradas! Quero dizer: a humanidade tem suas fragilidades. Mas a apostasia era considerada pelos cristãos a mais grave imoralidade, pois além de trair o Senhor, geralmente acabava-se por denunciar os irmãos, que assim eram capturados, presos e mortos. Mas a Igreja já era um só corpo, e tamanha era a consciência que os primeiros cristãos já tinham de serem um corpo só, que, quando um cristão traía, a mancha terrível do pecado era lavada pelo sangue dos irmãos mártires. Além disso, assim fizera o Senhor quando subiu na cruz por nós. É mais ou menos como se vocês, no fim de um almoço num restaurante de luxo, vissem que não têm dinheiro na carteira e, indo até o gerente cheios de vergonha, ouvissem a resposta: «Estão vendo aquele senhor na mesa lá do fundo? Ele já pagou tudo...» Que alívio, que gratidão! Amigos, aconteceu muito mais do que isso: o resgate da nossa salvação do pecado que nos aflige desde o início dos tempos teve um preço, e esse preço foi pago com o sangue inocente do Cordeiro de Deus.

Enfim, *uma humanidade nova* espalhou-se pelo mundo, uma humanidade nunca vista antes. Não estou inventando da minha cabeça, é história! Um anônimo da segunda metade do século II relata, numa carta escrita em grego a Diogneto, provavelmente um dos preceptores do imperador Marco Aurélio: «Os cristãos não se distinguem dos demais homens, nem pela terra, nem pela língua, nem pelos costumes. Nem, em parte alguma, habitam cidades peculiares, nem usam alguma língua distinta, nem vivem uma vida de natureza singular. Nem uma doutrina desta natureza deve a sua descoberta à invenção ou conjectura de homens de espírito irrequieto, nem defendem, como alguns, uma doutrina humana. Habitando cidades gregas e bárbaras, conforme coube em sorte a cada um, e seguindo os usos e costumes das regiões, no vestuário, no regime alimentar e no resto da vida, revelam unanimemente uma maravilhosa e paradoxal constituição no seu regime de vida político-social. [...] Encontram-se na carne, mas não vivem segundo a carne. Moram na terra e são regidos pelo céu. Obedecem às leis estabelecidas e superam as leis com as próprias vidas. Amam todos e por todos são perseguidos. Não são reconhecidos, mas são condenados à morte; são condenados à morte e ganham a vida. São pobres, mas enriquecem muita gente; de tudo carecem, mas em tudo abundam. São desonrados, e nas desonras são glorificados; injuriados, são também justificados. Insultados, bendizem; ultrajados, prestam as devidas honras. Fazendo o bem, são punidos como maus; fustigados, alegram-se, como se recebessem a vida. São hostilizados pelos judeus como estrangeiros; são perseguidos pelos gregos, e os que os odeiam não sabem dizer a causa do ódio. Numa palavra, o que a alma é no corpo, isso são os cristãos no mundo» (*Epístola a Diogneto*, Cap. 5).

Os impérios caíram e os mundos passaram, mas essa gente nova devolveu a vida à Europa, que depois da queda do sonho de Roma estava desfazendo-se, os monges fizeram surgir um mundo novo em nome de Deus. Pensem em toda a cultura europeia, nas catedrais que visitamos, na arte, na literatura, na história que estudamos... e pensem nas histórias dos santos que marcaram as várias épocas, São Bento, São Francisco... até os santos dos nossos dias, Madre Teresa, Papa Wojtyła, e meninos como vocês, como o Beato Carlo Acutis, sepultado em Assis junto com São Francisco: uma história de amor e de caridade sem limites... pensem no quanto esse fato ocorrido nas ruas empoeiradas de um lugar insignificante do mapa-múndi de dois mil anos atrás determinou a sorte do tempo e do espaço! O que teria sido da humanidade sem esse fato? O que teria sido se não tivesse acontecido? Mas aconteceu!



FRATERNITÀ DI
COMUNIONE E LIBERAZIONE

Esse anúncio atravessou os oceanos indo parar em todos os cantos da Terra, onde o homem ocidental conseguiu chegar. Nesse momento já não eram só os ocidentais que tomaram conhecimento da vida nova doada por Cristo: assim como aquela mulher no poço da Samaria, que experimentara que o Filho de Deus não viera só para os judeus, mas para todos. Leiam na *Tracce* de abril o testemunho da nossa amiga Ingrid, da Guatemala, única do Movimento no país, mas que de forma alguma está sozinha, graças à amizade que vive conosco: não tinha dinheiro para vir a Roma no encontro com o Papa, mas cheia de vida dirigiu-se a Jesus: «Eu não tenho nada, só a Ti, Cristo. Pensei em Dom Giussani, em como seu testemunho e sua sede infinita de Cristo chegaram até mim, para me contagiar com este constante desejo de certeza de Cristo». E ouçam só o que disse Alejandro – nosso amigo que mora em Cuba (já pensou? há um de nós em Cuba!) – que para poder ir até São Paulo participar do encontro dos responsáveis da América Latina teve de ficar 22 horas trancado numa salinha minúscula em observação no aeroporto da Cidade do México, devido às restrições do seu país: «Podemos viver porque existe a Sua companhia, que nos redime das atrocidades com a luz de alguns rostos. E torna possível um entusiasmo pelo nosso país, enquanto todo o mundo vai embora. Vivemos uma dor presente, mas no fundo há uma letícia que partilhamos com os amigos».

No dia de hoje, o mesmo anúncio chegou até vocês. Até vocês, que até vinte minutos atrás não estavam pensando em nada disso. Nós somos hoje o terminal último desta história extraordinária, uma história de santos e de mártires, *a história da salvação*: pois bem, nós pertencemos a esta história, somos da mesma estirpe. Como aqueles dois primeiros, e depois todos os demais até nós aqui: *somos escolhidos*. Esta grande amizade que atravessou a história tornou-se a nossa amizade aqui, agora. Sobre esta rocha sólida apoia-se a nossa fé.

Bom Tríduo!

Davide Prosperi
Presidente

Davide Prosperi